



■ Presidente p.2

“Uma nova fase do poder local”



■ PSD p.14

“É importante que os partidos se abram à sociedade civil”

POVO LIVRE



n.º 1947

7 de dezembro de 2016

Diretor: Miguel Santos
Periodicidade Semanal - Registo na ERC
n.º 105690 - Propriedade: PSD

“SÁ CARNEIRO MOLDOU A IDENTIDADE DO PSD”



■ Pedro Passos Coelho depositou uma coroa de flores junto à estátua de Sá Carneiro em Viseu



Convenção Autárquica Distrital do PSD de Viseu

“Uma nova fase do poder local”

“Está na altura de abraçar uma nova fase do poder local”, defendeu Pedro Passos Coelho, no encerramento da Convenção Autárquica Distrital do PSD de Viseu, dia 3 de dezembro. Recordando o trabalho de décadas que os autarcas portugueses têm feito pelo país, Pedro Passos Coelho detalhou algumas das propostas do PSD para descentralizar competências, dando mais confiança a quem está no terreno e conseguindo ganhos de proximidade e de custos.

A efetiva descentralização proposta pelo PSD passa por “levar mais longe as experiências bem-sucedidas” lançadas no governo liderado pelo PSD, em áreas como a educação, a cultura e a saúde. Conforme destacou o presidente social-democrata, é possível aprofundar essas experiências e estendê-las a áreas como o ordenamento do território, alcançando ganhos no combate a incêndios, por exemplo; ou o apoio social, atuando nos desafios do envelhecimento do país.

O PSD foi sempre “o maior partido de implantação autárquica”, pelo que “está hoje em condições de lutar por uma nova fase de descentralização de competências” que deem aos municípios os instrumentos que exigem para melhorar as condições de vida das populações. “É isto que espero que os nossos autarcas, em todo o país, possam fazer, ajudando a transformar a vida das pessoas no seu dia-a-dia, mostrando que temos uma ambição para Portugal e podemos dar conta do recado”, concluiu o orador.

Perante os novos desafios da governação local, o presidente do PSD recordou as propostas de alteração sociais-democratas ao Orçamento do Estado para 2017 e destacou um conjunto de medidas de descentralização, de resto praticamente chumbadas, na íntegra, pela maioria.

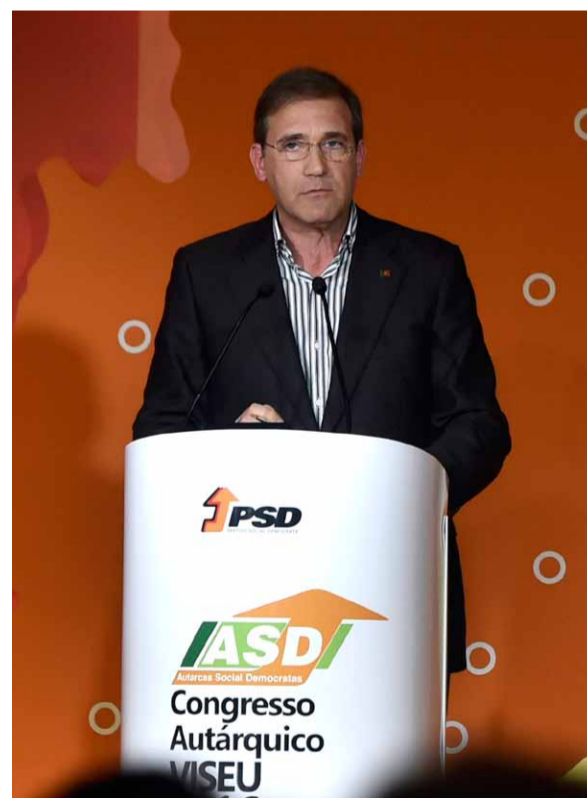
“Tenho pena que tenha sido assim sobretudo porque isso significa que não só não é verdade aquilo que o Governo diz fora de Portugal para os mercados ouvirem – que não alteraram nada de estruturante, quando

alteraram e reverteram medidas importantes feitas nos últimos anos no país – como a sua indisponibilidade para levar mais longe a sua agenda reformista não é verdade.” Pedro Passos Coelho recordava a recente entrevista do ministro das Finanças a um jornal alemão, onde recusava que o seu governo tivesse feito alterações estruturais neste primeiro ano de mandato.

Pedro Passos Coelho destacou a reforma educativa “que o atual governo tratou de reverter o mais depressa possível”. Uma reforma que produziu grandes melhorias na qualidade do ensino da matemática e das ciências, apontou o presidente do partido recuperando os recentes resultados do “Trends in International Mathematics and Science Study” (TIMSS), da International Association for the Evaluation of Educational Achievement, “ranking” que colocou Portugal à frente de países como a Finlândia e a Holanda. “Valeu ou não valeu a pena lutar por um ensino mais exigente nos últimos anos? Eu acho que valeu”, rematou Pedro Passos Coelho, alertando para o risco futuro de reverter as reformas feitas noutras áreas a troco da estabilidade da governação com apoio comunista e bloquista. “E depois vamos ver quanto é que isso nos vai custar no futuro nas políticas sociais, na qualidade de vida dos portugueses e na nossa capacidade para crescer.”

Portugal merece crescer mais

Para o líder do PSD, “é uma desolação ver que estamos a ser governados no dia-a-dia por alguém que fica satisfeito por que desastres não aconteçam a Portugal” e alguém que revela uma ambição de que apenas “tudo não acabe demasiado mal”. A paralisia evidenciada pelo Governo revela-se nas perspetivas para 2016: crescer apenas uma terça parte do que Espanha e pagar pela dívida pública a 10 anos mais do dobro do que paga o país vizinho, enquanto o país não aproveita as oportunidades que os nossos parceiros europeus estão a aproveitar para crescer.



E para o próximo ano, “o Governo espera que esses resultados continuem a ser mais fracos do que os de 2015, do governo que eles achavam que não conseguia pôr Portugal a crescer”, destacou ainda o líder dos social-democratas, pedindo ao Executivo “humildade para reconhecer” os erros da sua estratégia. Todavia, como o Governo não corrige o caminho que tem seguido até agora, “esses enganos continuam mais do que se desejaria”. Sublinhando que Portugal devia estar melhor e que tendo em conta que as condições atuais são mais favoráveis do que as que existiam em 2015, Pedro Passos Coelho disse preferir “que o Governo corrigisse a mão, para ter melhores resultados porque, nesse caso, ganhávamos todos”. Reafirmando que os social-democratas não po-

dem ficar calados perante “coisas que não estão a correr bem”, o presidente do PSD venceu que não é desejo do partido “voltar ao governo para gerir desgraças”, mas sim retomar a governação com um país a crescer aquilo que Portugal precisa. “Nós podemos estar melhor, merecemos estar melhor e é isso que o PSD nunca deixará de pugnar”, apresentando “projetos ambiciosos a pensar no futuro”, sintetizou.

“Por isso, é muito importante que o PSD não perca esta sua matriz reformista e ambiciosa” que “incute confiança em Portugal”, assegurou. O PSD, garantiu o líder, sabe que “só se consegue ter mais sucesso se houver, em cada dia, uma atitude de quem não está resignado, de quem não está apenas à espera de que as coisas não corram muito mal”.

CGD: o primeiro-ministro deve uma explicação ao país

Pedro Passos Coelho comentou a nomeação de Paulo Macedo para CEO da Caixa Geral de Depósitos, considerando que o antigo ministro da Saúde “não dará toda esta trapalhada inacreditável que tem vindo a ser desenvolvida na CGD desde que o Governo decidiu escolher uma nova administração”.

Mas o presidente do PSD foi claro sobre esta notícia, assegurando que a escolha de um membro do seu anterior governo “não servirá como uma esponja para apagar o que foi o desastre completo da irresponsabilidade política, na forma como o Governo tratou a questão da Caixa Geral de Depósitos”. “Alguém ouviu o primeiro-ministro dar uma explicação ao país sobre o que é que falhou a sua estratégia? Sobre por que é que se demitiram os senhores que ele escolheu? Sobre por que é que lavou as mãos da responsabilidade de ter escolhido quem escolheu?” Pedro Passos Coelho sublinhou que foi o atual governo quem transformou o tema da Caixa num “jogo político”, mas o PSD não anda “ao sabor da maré”. E “uma vez que se faltou em princípios, em valores e em ética na forma de lidar com este problema, não descansaremos enquanto o primeiro-ministro não der aos portugueses as explicações que deve”, confirmou.

“Este Governo trata os portugueses com desrespeito”, quer na ausência de respostas quer na calendarização populista de medidas eleitoralistas. O líder do PSD deixou





uma mensagem à audiência: “Cabe-nos manter a linha que é o nosso código genético: tratar os portugueses com respeito, levá-los a sério, porque é isso que merecem, lutar por uma transformação do país que nos possa trazer um ritmo de crescimento mais próspero e que nos aproxime dos nossos parceiros europeus”.

Apontando que o primeiro-ministro falta à verdade quando acusa o governo anterior de ter gerado instabilidade na banca, Pedro Passos Coelho recordou que os bancos portugueses tinham entre 40 e 50 mil milhões de euros em imparidades quando tomou posse. E que esse valor rondava os 20 mil milhões de euros quando saiu do governo. O líder do PSD acrescentou que, “o que falta fazer, deve ser feito com os acionistas dos bancos a responder pelas más decisões que tomaram no passado e não pedindo aos contribuintes portugueses que paguem as asneiras e os riscos em que eles incorreram nos anos passados.”

Mas “o Governo quer dizer aos portugueses uma mentira extraordinária: que recebeu um sistema financeiro, em 2015, que ameaça a estabilidade”. Recuperando as palavras do Governador do Banco de Portugal, o presidente do PSD explicou que as dificuldades dos bancos resultaram de decisões tomadas essencialmente entre 2005 e 2010. “Quando eu cheguei ao governo, os bancos já não tinham forma de obter liquidez para a passar para a economia”. A responsabilidade está, por isso, no último governo socialista, que o próprio primeiro-ministro apoiou, afirmou Pedro Passos Coelho.

Outra história que o governo de António Costa tem contado é a da recapitalização da Caixa. “É uma pouca vergonha. Quem oiça falar a maioria e o Governo, acha que a recapitalização da Caixa já foi feita e que quem esteve antes no governo não fez nada”, apontou antes de esclarecer: “Pois fiquem a saber que o governo que fez uma recapitalização da CGD foi mesmo o anterior, não foi este”, enquanto cumpria os rácios exigidos pelo BCE e pelo Banco de Portugal e cumprindo o seu papel de apoio à economia e às empresas.





“Sá Carneiro moldou a identidade do PSD”

A ideia de Francisco Sá Carneiro sobre o que deve ser o espaço de afirmação das liberdades públicas e o lutar pelo bem comum mantém-se “como raiz identitária” do Partido Social Democrata. No final de uma cerimónia evocativa da morte de Francisco Sá Carneiro realizada em Viseu, 4 de dezembro, Passos Coelho declarou não ter dúvidas de que, ao longo dos tempos, o PSD “foi, no essencial, fiel” ao legado do seu fundador.

“A frase de Sá Carneiro, de que primeiro vem Portugal e só depois os partidos e cada um de nós, é uma visão que foi decisiva para moldar o comportamento do PSD ao longo de todos estes anos”, frisou, em declarações aos jornalistas, junto à estátua do antigo primeiro-ministro (falecido em 04 de dezembro de 1980), onde depositou uma coroa de flores.

Pedro Passos Coelho referiu que, atualmente, Portugal está melhor do que em 1974, encontrando-se “integrado nos países que na altura representavam para Portugal um modelo de democracia, de bem-estar social, de liberdade”.

“Hoje a própria Europa está à procura de se reencontrar num projeto de futuro, que não seja só um projeto de liberdade, de paz e de bem-estar, que possa também responder a desafios importantes que têm de ver com a sua relação com o mundo, com o Mediterrâneo, com o Médio Oriente, com a globalização, com as transformações sociais e económicas que se vivem”, afirmou.

O líder do PSD considerou que Francisco Sá Carneiro “moldou muito aquilo que é a maneira de estar” do partido, que se implantou “muito de acordo com aquilo que as pessoas, de um modo geral”, pensavam dele.

“Foram anos breves, mas particularmente intensos, de afirmação da democracia, do projeto democrático em Portugal, para o qual ele contribuiu de uma forma decisiva e também para uma visão do PSD, que permaneceu ao longo de todos estes anos, que não soma as visões mais egoístas seja do eleitorado, seja das corporações, seja das classes sociais”, acrescentou.





O PSD “assumiu-se como um partido interclassista, que, de acordo com esta visão original de Sá Carneiro, olha para a sociedade portuguesa e para o país e procura sempre avaliar o que é o interesse comum, o bem comum, e trabalhar para ele”.

“Temos que ter a capacidade de olhar para aqueles que estão à nossa volta e de ver além dos nossos interesses mais imediatos. E esse foi o grande legado do dr. Sá Carneiro, na fundação do nosso partido, mas daquilo que é também uma maneira de estar na política e de ver a sociedade”, sublinhou.

PSD e CDS-PP assinalaram 36 anos da morte de Sá Carneiro e Amaro da Costa

O PSD e o CDS-PP assinalaram no domingo passado os 36 anos da morte de Francisco Sá Carneiro e de Adelino Amaro da Costa, com cerimónias em Viseu e Lisboa, respetivamente. Em Lisboa, pelas 10h00, decorreu uma missa evocativa da morte de Francisco Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa e restantes passageiros do avião que se despenhou em Camarate, na Igreja da Basílica da Estrela, na qual estiveram presentes as vice-presidentes Maria Luís Albuquerque, Teresa Leal Coelho e Teresa Morais, o secretário-geral adjunto do PSD Lélcio Lourenço e dirigentes nacionais do CDS-PP.

Pelas 11h00, decorreu também uma missa em Viseu, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, que contou com a presença de Pedro Passos Coelho, do vice-presidente Marco António Costa, do secretário-geral José Matos Rosa, e do presidente da Distrital do PSD de Viseu, Pedro Alves.

A 04 de dezembro de 1980, Francisco Sá Carneiro, então primeiro-ministro, e Adelino Amaro da Costa, ministro da Defesa, faleceram na queda do avião Cessna em que seguiam para o Porto, assim como a tripulação e restante comitiva: Snu Abecassis, Manuela Amaro da Costa, António Patrício Gouveia, Jorge Albuquerque e Alfredo de Sousa. A queda do avião onde viajavam Sá Carneiro e Amaro da Costa motivou a realização de dez comissões parlamentares de inquérito.



Homenagem a antigos autarcas do PSD em Chaves

“Governo abandonou a ambição de crescer”



Portugal podia estar a crescer mais, mas essa foi uma ambição que o Governo abandonou. No dia em que o PSD assinalava a memória de Francisco Sá Carneiro, Pedro Passos Coelho não deixou de recordar a herança do fundador do PSD, explicando como os sociais-democratas rejeitam a instrumentalização do Estado, que o atual governo prossegue.

Numa homenagem a antigos autarcas do PSD, em Chaves, dia 4, Pedro Passos Coelho traçou um balanço dos últimos anos, apontando que “a crise ficou para trás, em 2013”, e que a economia vinha a crescer em 2014 e 2015. “Fomos bem-sucedidos quando estivemos no governo, tanto que tirámos o país da bancarrota e o pusemos a crescer” e a “criar mais emprego” do que atualmente; “salvámos o Estado Social”, “deixámos os cofres cheios”. E houve uma melhoria significativa na qualidade da educação, comprovada com os recentes resultados do “Trends in International Mathematics and Science Study” (TIMSS), da International Association for the Evaluation of Educational Achievement, que Pedro Passos Coelho recordou para demonstrar que Portugal ultrapassou muitos países europeus no ensino da matemática e das ciências. “Como é que o fizemos? Com exigência, com exames, com avaliação.” O líder do PSD não deixou de notar que esta foi uma das primeiras reformas que a maioria de esquerda reverteu.

Mas se Portugal quer fazer as reformas importantes e necessárias – a reforma do Estado, da Segurança Social, das estruturas económicas que permitirá crescer mais, como em 2015 – então “precisamos da alma e da ambição reformista que só o PSD tem na sociedade portuguesa”, assinalou o líder social-democrata, apontando que era possível “estar a crescer muito mais em 2016 e a esperar crescer mais em 2017, se as políticas corretas estivessem a ser adotadas pelo Governo”. Porém, o Exe-



cutivo de António Costa “não quer crescer muito mais”, essa “foi uma ambição que abandonou há muito tempo”.

Pelo contrário, completou o líder social-democrata, o Governo “só quer iludir as pessoas, julgando que com isso conquista votos”. Assim, “faz uma coisa que tenho a certeza que repugnaria Sá Carneiro e que me envergonha a mim”, acusou, referindo-se à programação de medidas populistas consoante o calendário eleitoral, como o aumento extraordinário de pensões ou a integração de trabalhadores precários no Estado, medidas previstas para vésperas das próximas autárquicas.

O presidente do PSD evocou a lei que impõe isenção em períodos de campanha eleitoral, para questionar o comportamento do atual governo: “É isto uma forma séria de tratar os portugueses? Aonde está um bocadinho de vergonha, para não se tratar os portugueses da forma despuddorada como este governo trata?”

“O PSD é um partido que leva a sério Portugal e os portugueses”, contrapôs o líder, acrescentando que essa “foi uma lição que aprendemos com Francisco Sá Carneiro, está na génese do nosso partido”. E precisou: “nós não instrumentalizamos o Estado, nem usamos as pessoas para fins eleitoralistas” e, “se for preciso enfrentar incompreensões e dificuldades para lutar pelo bem comum e pelo futuro, não nos importamos de o fazer”.

Pedro Passos Coelho reiterou ainda que o PSD não prescinde das suas convicções “por conveniências eleitorais”. “Nunca seremos desses”, atalhou, “porque esse não é o partido de Sá Carneiro, esse não é o PPD/PSD em que nos forjámos e essa não é a social-democracia em Portugal”. A social-democracia do PSD “fez-se para pôr os portugueses no centro da ação política”, sublinhou.



Os Autarcas devem “lutar pela competitividade do território”

Aludindo à mesma herança de Francisco Sá Carneiro, Pedro Passos Coelho descreveu o contributo do Partido para o desenvolvimento do país através do poder local. O líder social-democrata prestou homenagem aos autarcas que estiveram à frente de câmaras municipais, não esquecendo as freguesias, neste ano em que se assinala o centenário da constituição jurídica das mesmas e o 40.º aniversário das primeiras autárquicas democráticas. Para o presidente do PSD, este momento revela que “estamos a entrar numa nova fase” do poder autárquico, em que “as autarquias estão preparadíssimas para receber novas responsabilidades e novas competências, que podem ser desenvolvidas em maior proximidade com as populações”.

Um novo ciclo em que uma das prioridades é “fixar as pessoas”, detalhou, lembrando que, se antes muitas populações não tinham acesso a equipamentos, hoje essas infraestruturas já existem mas sem pessoas para usufruir das mesmas. “E é por isso que os nossos autarcas hoje têm de estar preparados par responder melhor” às necessidades sociais – nas áreas da saúde, educação, apoio social – mas também “devem também estar em condições de poder lutar pela competitividade dos seus territórios, por atrair investimento que traga emprego”. “Porque é isso que fixa as pessoas, as pessoas ficam onde têm a possibilidade de ganhar a vida”, concluiu Pedro Passos Coelho.

Perante centenas de militantes e simpatizantes, o presidente do PSD lamentou que o Governo e a maioria parlamentar tenham rejeitado as propostas para a descentralização de competências que o PSD apresentou, na discussão do Orçamento para 2017. E afirmou que essa votação contradiz a aparente disponibilidade para alcançar consensos, que o Governo diz ter.

“Mas isso já vem sendo hábito”, afirmou o líder do PSD. “Se queremos alguma coisa com ambição para futuro, temos de lutar por ela”, explicou, recuperando novamente a memória do fundador do PSD: “É por isso que o deixa andar nunca nos serve”.





“ECO Talks”

Modelo económico-financeiro é insustentável

O presidente do PSD foi o primeiro convidado do “ECO Talks”, segunda-feira, 5 de dezembro, num hotel em Lisboa, onde respondeu a todas as perguntas do moderador e da plateia, sublinhando desde logo que o modelo económico e financeiro do atual Governo é insustentável. O líder do PSD assinala que “só sairemos do Procedimento dos Défices Excessivos com um ‘plano B’ que o Governo não admite ter”.

Pedro Passos Coelho argumenta o Governo atua com falta de transparência e de informação em relação à sua estratégia. Recorde-se que o Orçamento do Estado para 2017 baseia-se em “receitas extraordinárias” fruto de “medidas extraordinárias”. O líder do PSD entende que não há dúvidas de que existe um plano B: “além do corte no investimento, prevê um corte na aquisição de bens e serviços”, referindo os valores das cativações.

Pedro Passos Coelho lamenta os efeitos negativos das cativações, por exemplo, na saúde, mas garante que os riscos são maiores do que no Governo anterior. O Governo PSD-CDS/PP regularizou as dívidas do Serviço Nacional de Saúde, “contratou nova despesa de forma mais barata” e “reduziu o preço dos medicamentos”. Para Passos Coelho, atualmente o funcionamento dos serviços públicos está “em causa”.

O líder do Partido Social Democrata espera que o Governo “cumpra a meta, porque isso é bom para o país”. E desvaloriza a aprovação do Orçamento do Estado (OE) em Bruxelas: “A Comissão Europeia não está preocupada na forma como o objetivo seja atingido. A escolha das políticas cabe aos Governos. A Comissão Europeia tem chamado a atenção dos riscos das escolhas políticas que suportam o Orçamento”.

“Esta pode ser uma crise mais grave do que as outras”

O líder do PSD adverte que a crise política italiana,



na sequência do resultado do referendo e da demissão de Matteo Renzi, pode ser mais grave. A banca tem dificuldades, lembrou. “Ninguém pode dizer que só por Itália lidar com crises políticas, esta não possa vir a transformar-se numa crise mais grave do que as outras”, alertou Pedro Passos Coelho.

O líder do PSD reagia assim ao resultado do referendo italiano e ao anúncio de demissão de Matteo Renzi. Passos Coelho defendeu que a crise política poderia ter sido evitada se Renzi não tivesse “transformado o referendo numa espécie de plebiscito à sua continuidade”.

Os riscos são mais elevados, explicou, por causa da fragilidade do sistema bancário italiano. “Há um ano que o Governo italiano anda a gritar aos quatro ventos que tem problemas nos bancos”, notou. “A situação dos bancos é complicada”, reforçou, lembrando que Itália “não cresce e tem a segunda maior dívida pública da Europa, a seguir à Grécia.”

Ainda assim, Pedro Passos Coelho reconheceu alguns méritos à reforma constitucional que foi proposta por Renzi, na medida em que ela permitia “simplificar o processo de decisão” e facilitar a obtenção de maiorias

parlamentares. “Nos tempos de maiores dificuldades é quando o Governo precisa de ter mais força,” argumentou. “Mas os italianos não estão muito disponíveis para dar esse salto”, concluiu, reconhecendo, contudo, que a abrangência dos poderes que passaria a ter o partido vencedor de eleições pudesse “causar alguma desconfiança”.

Matteo Renzi anunciou este domingo a sua demissão, na sequência da vitória do “Não” ao referendo sobre alterações à Constituição.

Polémica da CGD cria uma “pressão imensa para outros bancos”

O líder do PSD assegurou que as críticas ao processo da Caixa não vão parar por Paulo Macedo ir dirigir o banco público e estimou que o processo de recapitalização só possa ocorrer no verão de 2017.

“Não sei se era essa a intenção do Governo, se era ir buscar um antigo ministro meu para que o PSD deixasse de manifestar preocupações com a Caixa. Se é isso, de todo, se é isso, enganaram-se redondamente no alvo”, afirmou.

Caracterizando Paulo Macedo como um “gestor muito competente”, “capaz” e “muito sensato”, Passos Coelho antecipou que o antigo ministro da Saúde do Governo PSD/CDS-PP fará um bom papel se lhe forem dadas condições, pois é uma pessoa para fazer reformas importantes e não para fazer revoluções.

Nas diversas questões que lhe foram colocadas sobre a Caixa Geral de Depósitos, o líder do PSD estimou ainda que o processo de recapitalização dificilmente será feito “antes do verão do próximo ano”, considerando que o Governo terá por isso que encontrar uma alternativa.

“[O Governo] disse que era absolutamente prioritário e imprescindível, as agências de rating estão à espera de ver o que vai acontecer com o capital da Caixa”, referiu, considerando que no próprio mercado haverá uma “pressão maior”.

Pedro Passos Coelho voltou ainda a rebater as críticas que lhe têm sido feitas sobre a recapitalização da Caixa realizada enquanto dirigia o Governo, reiterando que a capitalização levada a cabo nessa altura teve em conta os requisitos de capital existentes.

Pelo contrário, frisou, o atual Governo fala na necessidade de recapitalizar o banco público, mas até agora “não fez nada”.

“É só conversa”, sublinhou.

O líder do PSD voltou também a reprovar a forma como o primeiro-ministro tem conduzido o processo da Caixa Geral de Depósitos, insistindo que António Costa demorou demasiado tempo a substituir a administração, continua sem explicar o que se passou, nem revela o plano de recapitalização ou quais as necessidades de capital do banco público.

Questionado se fica surpreendido com os números que vieram a público, Passos Coelho disse que ter ficado “totalmente” surpreso, considerando não ver nenhuma razão para que hoje se descubram necessidades acrescidas “na casa dos dois a três milhões de euros”.

Neste processo, acrescentou, existem “várias coisas que não se percebem”, nomeadamente como é que o auditor da Caixa nos últimos nove anos foi contratado para rever aquilo fez durante anos.

“Como é que os prejuízos não foram detetados durante os anos que lá estive”, interrogou, considerando que isto coloca dúvidas “éticas e políticas sérias” e “coloca sobre pressão outros bancos” que têm o mesmo auditor.

O líder do PSD sinaliza até que “o sistema pode ser melhorado” com a criação de duplos limites. “O limite do mercado e um limite estabelecido por um múltiplo das funções entre a própria instituição”, acrescentou Pedro Passos Coelho. No entanto, o líder do PSD ressalva que esta última opção pode levar a administração a fazer



aumentos para justificar os seus salários, pelo que seria uma solução com perigos.

“Descobriu-se, agora em dois meses, muito convenientemente, prejuízos que o auditor não viu durante oito ou nove anos”, questionou o líder do PSD, afirmando que continua a não encontrar motivos que justifiquem “necessidades [de capital] acrescidas na casa dos dois a três mil milhões de euros” para a Caixa.

“Tudo isto é uma história que deixa dúvidas éticas, políticas. Que implicações pode ter para o resto do sistema financeiro? Cria uma pressão imensa para outros bancos que têm o mesmo auditor e que têm negócios suportados pela Caixa, que não podem ser tratados de uma maneira num banco e de outra maneira noutro banco.”

“Tudo isto é uma história que deixa dúvidas éticas, políticas”, defendeu. “Que implicações pode ter para o resto do sistema financeiro”, perguntou ainda. E respondeu: “Cria uma pressão imensa para outros bancos que têm o mesmo auditor e que têm negócios suportados pela Caixa que não podem ser tratados de uma maneira num banco e de outra maneira noutro banco.”

Para Pedro Passos Coelho, a gestão que o Governo de António Costa tem feito deste dossier só trouxe “mais ameaças e dúvidas sobre o sistema financeiro”. Até porque, embora o Executivo tenha dito que a recapitalização é urgente, “até à data ainda não fez

nada, foi só conversa”, criticou.

Mais: se o Governo quiser evitar que eventuais impactos da recapitalização prejudiquem a saída de Portugal do Procedimento por Défices Excessivos (PDE), terá de adiar a recapitalização para lá do verão de 2017 e encontrar, por isso, “soluções alternativas”, já que caracterizou a recapitalização do banco como “urgente”, defendeu.

“Para que a recapitalização não ponha em causa a saída do PDE, só pode acontecer depois do verão do próximo ano”, isto “para que o impacto seja tratado apenas como estatístico”, depois de a decisão de saída já ter sido tomada, explicou, prevendo que tal aconteça “entre maio e junho”. Para Passos é certo que os prejuízos identificados entre a data da última recapitalização e a da próxima deverão ser registados no défice de 2016.

Passos Coelho clarificou ainda a sua posição sobre a importância de Portugal manter um banco de capitais públicos. Lembrou que defendeu que a Caixa deveria ter capital privado, mas que isso não é o mesmo que defender a privatização do banco. Passos Coelho defende que a participação dos privados não deve superar os 49% e sublinhou que se quisesse privatizar a CGD, teria avançado para esse processo. “Não o fiz porque num sistema financeiro que precisava de cuidados, seria bom que o Estado mantivesse um banco público”, acrescentou.

O “ECO Talks” é um formato de discussão, um evento organizado pelo jornal económico digital ECO.

“As políticas que produzem bons resultados não devem ser revertidas”



O presidente do PSD destacou os extraordinários resultados alcançados na Educação, revelados pelos testes PISA de literacia, de ciências e de leitura, e pediu ao ministro da Educação que repense decisões que desfizeram e revertem políticas que permitiram este desempenho:

“Espero que o senhor ministro da Educação reflita sobre estes resultados e repense algumas das decisões que já tomou porque os resultados que hoje conhecemos são de facto bastante bons e eu espero que pudessem continuar para futuro”, apelou, considerando que estes resultados são “muitíssimo bons”, declarou Pedro Passos Coelho à entrada para os Debates “Francisco Sá Carneiro”, em Lisboa.

Na opinião do líder do PSD, este relatório, que no essencial é relativo aos anos de 2012 a 2015, “vem mostrar que quando as políticas estão a apontar no sítio certo, quando se estabelecem metas curriculares mais claras e que possam ser atingíveis, quando se elava o grau de exigência no próprio ensino - seja na formação, seja na avaliação -, que isso acaba por ser positivo”.

“A única coisa que me preocupa é que uma parte das políticas que permitiram estes resultados estejam a ser ou desfeitas ou revertidas”, lamentou, defendendo que “quando as políticas produzem bons resultados é porque devem ser boas e não devem ser revertidas”, advertiu.

Para Pedro Passos Coelho, “a própria OCDE reconhece que Portugal foi um dos países que mais progrediu neste período de análise, ente 2012 e 2015, quer na área da leitura, quer na área da matemática, quer na área das ciências”, considerando que “a progressão do país foi extraordinária”.



“Nós melhorámos significativamente em todos estes indicadores e isso deixa-me muito satisfeito e acho que deixará com certeza o atual Governo, bem como todos os portugueses bastante satisfeitos”.

Foram conhecidos dia 6 de dezembro os resultados dos alunos portugueses na avaliação internacional PISA 2015 e, tal como no TIMSS2015 que mostraram que os nossos alunos do 4.º ano tiveram melhor desempenho do que a Finlândia ou a Holanda, os resultados voltaram a revelar boas notícias para educação nacional e para o país.

Pela primeira vez em 15 anos, desde que participamos neste programa, Portugal está acima da média da OCDE em todos os domínios avaliados: Ciências, Mate-

mática e Leitura.

Se em 2012 na Ciência estávamos na 26.º posição, em 2015 estamos na 17.ª. Se em 2012 na Leitura estávamos na 25.ª posição, em 2015 estamos na 18.ª. Se em 2012 na Matemática estávamos na 23.ª, em 2015 subimos para a 22.ª.

A Educação melhorou muito nos últimos anos: com rigor, exigência e políticas, o Governo liderado pelo PSD conseguiu colocar Portugal nos melhores lugares e “rankings”.

O caminho, que era o correto e com ele a educação melhorou muito, deveria ter sido continuado. O que não foi.

PCP é o “grande bastião” do Governo



O deputado do PSD Pedro do Ó Ramos considerou que o discurso “mais duro” do PCP no XX Congresso foi uma “encenação” e que, na realidade, os comunistas são “o grande bastião” do Governo PS. “Este congresso trouxe um discurso relativamente duro aqui dentro mas a verdade é que o PCP é de facto o grande defensor, é o grande bastião do Governo, até mais do que o Bloco de Esquerda. Se aqui fala mais grosso a verdade é que no parlamento aprova praticamente tudo [das propostas do

Governo]”, afirmou Pedro do Ó Ramos.

O deputado e vogal da Comissão Política do PSD integrou a delegação dos sociais-democratas ao encerramento do XX Congresso do PCP, saudando a eleição dos órgãos executivos e do secretário-geral comunista, Jerónimo de Sousa.

Quanto ao discurso político, o deputado considerou

que “há alguma encenação” porque no parlamento o PCP “não se tem importado com o fraco crescimento económico”.

“A verdade é que o PCP não se tem importado com o desinvestimento público que tem existido, não se tem importado com o fraco crescimento económico, não se importa que há escolas que fechem por causa de falta de dinheiro e que há hospitais que estão à mingua”, acusou.

Acompanhe-nos no dia-a-dia...



**Conferências de Imprensa,
Transmissões em direto,
Discursos e intervenções políticas**



**Entrevistas, Opinião, História,
Iniciativas**



**O dia-a-dia da atividade
do PSD**



**Noticiário semanal todas
as sextas-feiras**

Maria Luís Albuquerque em conferência de imprensa

“Governo está em funções há um ano e até agora não fez nada”



Maria Luís Albuquerque acusa António Costa de incompetência sobre a Caixa Geral de Depósitos, sublinhando que na entrevista à RTP o primeiro-ministro repetiu mentiras. “Até agora só temos conversa. António Costa tenta desviar as atenções sobre a sua incompetência repetindo acusações falsas de uma forma irresponsável por, aparentemente, não perceber que, mais do que o anterior governo, atinge com acusações de comportamentos impróprios as entidades nacionais e europeias”, disse Maria Luís Albuquerque.

Numa declaração aos jornalistas, na sede nacional do PSD, em Lisboa, Maria Luís Albuquerque comentava a entrevista do primeiro-ministro, segunda-feira, à RTP em que, acusou Costa de repetir mentiras, “certamente na convicção de que uma mentira repetida muitas vezes passa a ser verdade”.

Para Maria Luís Albuquerque, na entrevista, António Costa voltou a dizer que o anterior Executivo ocultou a verdadeira situação do setor financeiro, incluindo da Caixa Geral de Depósitos, para poder assegurar a saída limpa do Programa de Ajustamento. “Ao fazer uma acusação desta gravidade – mesmo que falsa – António Costa não põe apenas em causa o anterior Governo. Coloca uma mancha sobre a seriedade e competência da anterior



administração da CGD”, afirmou.

Maria Luís Albuquerque referiu também que António Costa, além de ter colocado em causa os reguladores, - desde o Banco de Portugal, à CMVM e ao Banco Central Europeu -, comprometeu também os auditores “em quem diz agora depositar confiança” para apurar os montantes da próxima operação de recapitalização da CGD.

A ex-ministra recordou ainda que quando o anterior governo entrou em funções encontrou o sistema financeiro, com “gravíssimos problemas como seria inevitável num país à beira da banca rota” deixado pelo governo socialista de José Sócrates, de que, acrescentou, António Costa também fez parte.

Ainda sobre a CGD, Maria Luís Albuquerque, frisou que o governo de António Costa nada fez e que se desconhece o que pretende fazer.

“Este Governo está em funções há um ano e até agora não fez nada. Continuamos sem saber quanto dinheiro dos contribuintes vai ser colocado na CGD, quais são as consequências para a atividade do banco, para os seus trabalhadores e para que servirá a injeção de dinheiro público e privado que se perspetiva”, concluiu.

Primeira reunião do Conselho Estratégico do PSD

“É importante que os partidos se abram à sociedade civil”



O novo Conselho Estratégico, órgão de aconselhamento do presidente do PSD, reuniu pela primeira vez na segunda-feira, 5 de dezembro de 2016. Liderado pelo deputado José Matos Correia, e reativado no congresso de abril deste ano, o Conselho Estratégico do PSD é composto por 25 personalidades de várias áreas da sociedade, integrando militantes e independentes. Na primeira reunião de trabalho contou com a presença de Pedro Passos Coelho.

Integra, entre outros, o antigo ministro da Educação David Justino, o ex-chefe do Estado-Maior do Exército General Loureiro dos Santos, o reitor da Universidade da Beira Interior António Fidalgo, o professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa Diogo de Lucena, a ex-secretária da Juventude Maria do Céu Ramos, o antigo embaixador e ministro dos Negócios Estrangeiros e das Comunidades Portuguesas António Martins da Cruz e a advogada e ex-secretária de Estado Adjunta do ministro da Economia Dulce Franco.

José Matos Correia explicou que se trata de “um órgão de aconselhamento do presidente do Partido sobre as grandes questões nacionais”, porque é tempo “de pensar e refletir sobre um conjunto de desafios internos e internacionais que se colocam a todos”.

“É importante que os partidos, sem renegar o papel daqueles que são militantes, se abram à sociedade civil e a composição do conselho é bem a prova disso. A grande maioria dos seus membros não são militantes do partido nem pessoas que façam da vida política o seu dia-a-dia”, sublinhou.



Para José Matos Correia, a perspetiva “diferente e mais arejada” que estas personalidades podem trazer “é também importante porque a política não pode enredar-se apenas em si própria, tem que contar com o contributo das pessoas que olham para a política de outra forma”.

“A ideia é que possamos contar com o contributo de personalidades com créditos firmados em todas as áreas, que possam ajudar o Partido naquelas que são as

grandes questões estratégicas”, explicou.

Segundo o presidente deste órgão “o PSD, por natureza, é o principal Partido português” e portanto é uma força política que “está próxima da sociedade e das pessoas”.

“Os partidos têm uma certa tendência para se fechar sobre si próprios e este género de contribuições serão sempre seguramente muito úteis para a direção política do Partido”, explicou Matos Correia.

José Matos Rosa na Convenção Autárquica do PSD de Foz Côa

O secretário-geral do Partido Social Democrata, José Matos Rosa, esteve sexta-feira, 2 de dezembro de 2016, na sessão de encerramento da II Convenção Autárquica do PSD de Foz Côa (distrito da Guarda).



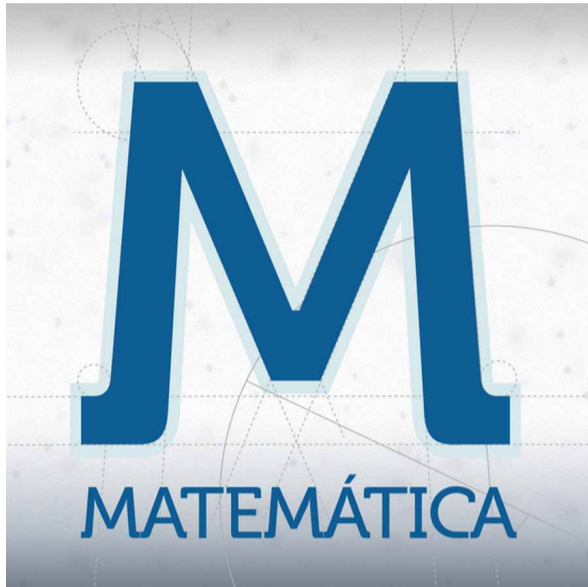
Melhoria dos conhecimentos a Matemática no 4.º ano em 2015

O PSD congratulou-se com os resultados do estudo internacional TIMSS, que indica uma melhoria dos conhecimentos a Matemática dos alunos do 4.º ano, alertando que a reversão de medidas pode colocar este “caminho de sucesso” em risco. Os alunos avaliados neste estudo foram os primeiros a ser abrangidos pelas novas metas curriculares, criadas pelo governo PSD/CDS-PP, sob a tutela de Nuno Crato.

“Não se trata de uma discussão ideológica, o que nós temos hoje são dados concretos de que o caminho que estava a ser trilhado na área da educação pelo ministro Nuno Crato era o caminho correto”, frisou o deputado do PSD Amadeu Albergaria.

O deputado do PSD manifestou preocupação pela política de reversão de medidas a que se tem assistido ao longo do último ano, nomeadamente na área da Matemática, entre as quais o fim dos exames do 4.º ano. Essa política de reversão, sublinhou, “pode colocar em risco este caminho de sucesso que estava a ser percorrido pela escola”.

“Ao contrário da narrativa que foi feita de que estávamos a destruir a escola pública, o que os dados hoje anunciados pelo estudo internacional TIMSS e por todos os indicadores qualitativos da educação é que era o



caminho certo e, por isso, não merece o que está a ser feito, que é um desvio à qualidade, à exigência, ao rigor e ao mérito no nosso sistema educativo”, acrescentou.

No ano passado, 4.693 alunos que frequentavam

o 4.º ano de escolaridade em 217 escolas portuguesas participaram no “Trends in International Mathematics and Science Study” (TIMSS 2015), criado para avaliar a literacia a Matemática e a ciências e que celebrou 20 anos de existência. No “ranking” dos 49 países e regiões avaliados, Portugal ocupa a 13.ª posição, tendo subido duas posições face a 2011, superando os resultados de países considerados bandeira, bem como a Finlândia e a Holanda. Os alunos portugueses do 4.º ano obtiveram uma média de 541 pontos a Matemática, o que traduz uma subida de nove pontos relativamente a 2011. Comparativamente com esse ano, Portugal aumentou, em quatro pontos percentuais, a percentagem de alunos nos níveis de desempenho avançado, para 12%, e em quatro pontos percentuais nos níveis de desempenho elevado, para 46%.

Estas melhorias são o resultado do trabalho e esforço de toda a comunidade escolar – professores, escolas, pais e alunos. Mas são também o espelho de uma política que apostou em metas curriculares mais bem organizadas, com mais coerência e mais exigência. Assim como do facto de termos introduzido uma avaliação externa no 4.º ano, o que ajudou estes alunos a trabalhar de forma mais sistemática.

Cristóvão Norte (1939-2016)

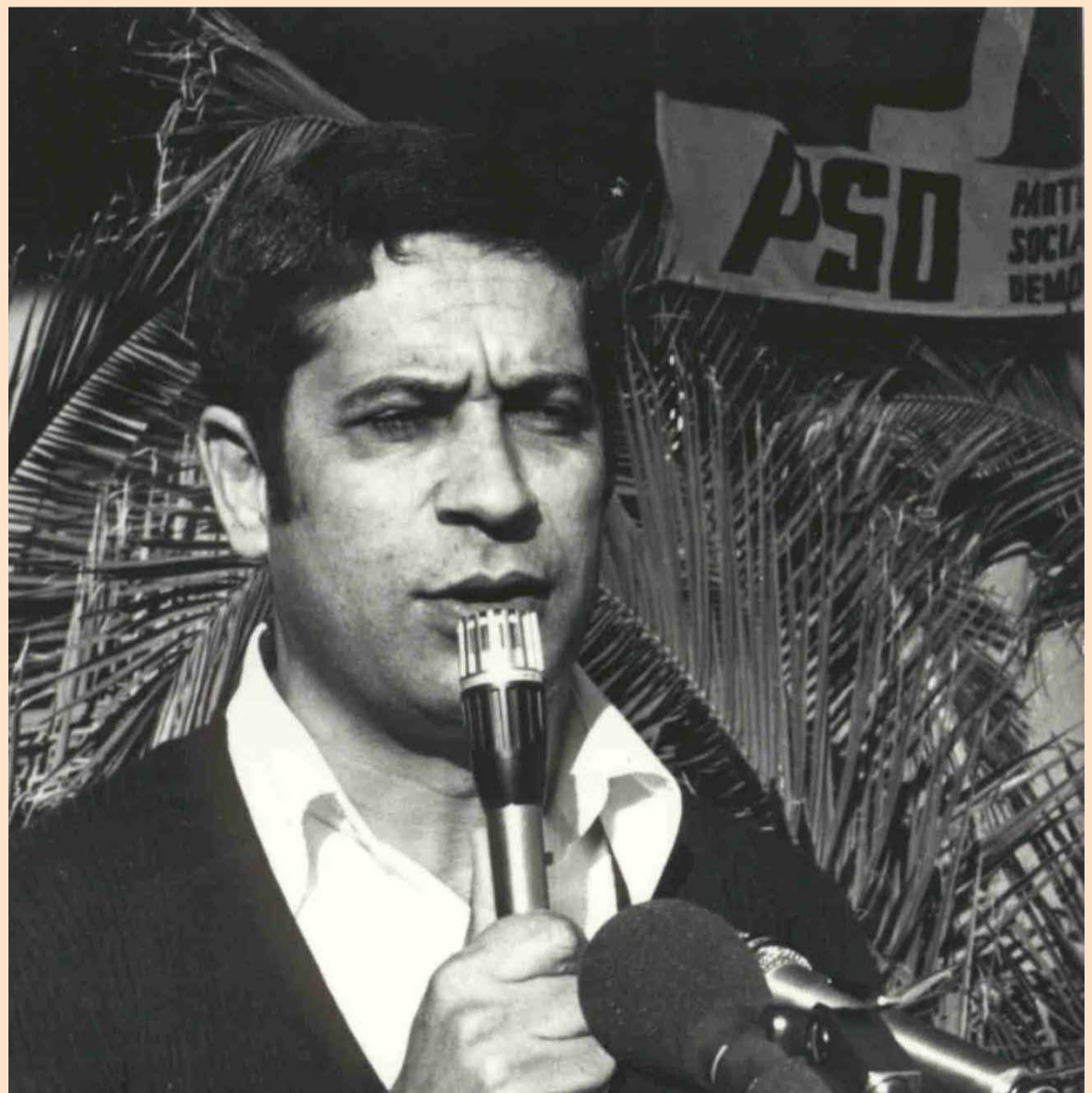
O antigo deputado e presidente da concelhia do PSD/Faro Cristóvão Guerreiro Norte, advogado, faleceu na segunda-feira, 28 de Novembro, aos 78 anos. O antigo deputado constituía uma “figura mítica da democracia em Faro e no Algarve no período pós 25 de Abril”, um homem “destemido” e um social-democrata “convicto”, conhecido pela sua “fortaleza de espírito” e “determinação”.

Natural de Almancil, nascido em 10 de abril de 1939, filho de uma família humilde, Cristóvão Guerreiro Norte ajudou no campo ainda em criança, depois da morte do seu pai e parou de estudar após a 4.ª classe, tendo mais tarde retomado os estudos, formando-se em Direito pela Universidade de Coimbra e tendo sido delegado do Procurador-Geral da República e conservador do Registo em diversas comarcas algarvias.

De acordo com o PSD/Faro, foi também o “fundador do PSD no Algarve e seu cabeça de lista e único eleito do PPD pelo círculo de Faro nas eleições à Assembleia Constituinte, em 1975, as primeiras eleições livres”.

Desempenhou as funções de Deputado à Assembleia da República entre 1975 e 1991, ininterruptamente, período durante o qual apresentou inúmeros projetos de lei, entre eles, em coautoria com José Vitorino, o da criação da Universidade do Algarve, “a maior e mais importante conquista da região nos últimos 40 anos. Foi deputado municipal em Faro e presidente do PSD/Faro durante 21 anos, e vereador da autarquia farensense entre 1997 e 2001. Foi também escritor, tendo publicado a Monografia de Almancil, bem como diretor de uma publicação regional. Recebeu, em 2015, a distinção de Deputado Honorário da Assembleia da República.

O PSD/Faro decretou um período de luto de três dias.





povo livre

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

DIRECTOR: CARLOS ENCARNAÇÃO

DIRECTOR-ADJUNTO: JOÃO CORDEIRO PEREIRA

N.º 1042 • 25 DE OUTUBRO 1995 • PREÇO 100\$00

Novo Governo dos Açores



Após 2 décadas à frente do Governo Regional dos Açores, assinaladas por profundas mudanças no sentido da modernidade e do desenvolvimento, João Bosco Mota Amaral decidiu renunciar à presidência do Executivo açoriano e à liderança do PSD daquela Região autónoma, indo agora ocupar o lugar de deputado do PSD na Assembleia da República, para que foi eleito nas últimas eleições legislativas.

O sexto Governo Regional dos Açores, chefiado pelo social-democrata Madrugada da Costa, toma posse em Angra do Heroísmo.

A posse foi conferida pelo Ministro da República para os Açores, Mário Pinto, numa cerimónia que decorreu no Solar da Madre de Deus.

O sexto governo açoriano, formado depois da renúncia de Mota Amaral, é constituído na sua maioria por membros do anterior executivo.

António Meneses (secretaria da Saúde e Segurança Social), Jaime Medeiros (Habitação, Obras Públicas, Transportes e Comunicações),

Gaspar da Silva (Juventude, Comércio, Indústria e Energia) e Adolfo Lima (Agricultura e Pescas) são os secretários que transitam.

Os novos membros deste governo são: Berta Cabral (Finanças, Planeamento e Administração Pública), Manuel Azevedo (Turismo e

Ambiente) e Bento Barcelos (Educação e Cultura).

Substituem, respectivamente, Bastos e Silva, Eugénio Leal e Aurélio da Fonseca.

As subsecretarias da Comunicação Social e Cooperação Externa não são providas de titulares, passando para a alçada do presidente do governo.

Candidatura de Cavaco Silva

Vagas de adesões também no Porto e Coimbra



Lisboa está pior, seis anos depois

Um homem sério e singular

José Matos Rosa (*)



Em 04 de dezembro de 1980, Portugal perdeu o seu primeiro-ministro num trágico acidente. O país perdeu um dos nomes que mais ativamente lutaram antes e depois do 25 de Abril, para instaurar verdadeiramente a democracia. Francisco Sá Carneiro lutou para transformar a democracia conquistada numa realidade efetiva. Numa pertença de todos os portugueses. Numa certeza que se podia sentir viva nas coisas práticas do dia-a-dia: no acesso a uma saúde pública para todos; na oferta de uma educação de qualidade; na igualdade de oportunidades e no fim das desigualdades; num país mais coeso, do litoral ao interior.

Portugal perdeu um primeiro-ministro. Mas o PSD perdeu o seu fundador, ideólogo, figura maior, um homem carismático e à frente do seu tempo. A história reservou-lhe o lugar de mito, mas nós, social-democratas, honramos o legado de Francisco Sá Carneiro em todos os combates políticos e em todos os planos pelos quais nos batemos para Portugal.

Que não restem dúvidas. Sá Carneiro colocava a pessoa no centro de toda a atividade política. O PSD coloca os interesses de todos os portugueses acima das disputas político-partidárias, mesmo nos momentos mais desafiantes.

Sá Carneiro dignificava a política como atividade. Via nela um verdadeiro serviço público, com o desprendimento de afastar-se e regressar às práticas políticas consoante o seu referencial de valores assim ditasse. O PSD vê na vida pública o dever último de melhorar as condições de vida das pessoas.

Sá Carneiro tinha a coragem de apresentar as suas convicções, pudessem elas coincidir ou não com as convenções e até com a linha do partido em dado momento. O PSD defende as ideias que acredita serem as mais acertadas. Não aquelas que podem trazer mais votos. Defendemos o que pensamos que conseguirá criar uma sociedade com mais justiça e igualdade.

Sá Carneiro batia-se pela libertação da sociedade civil, numa dimensão que transpunha as barreiras do domínio económico, mas significava a livre iniciativa de todos aqueles que desejassem criar e inovar, fosse na economia, nas ciências ou nas artes. O PSD sabe que uma sociedade livre é aquela onde as boas ideias encontram espaço para se afirmar, da economia social ao empreendedorismo.

Agora que recordamos a memória do nosso fundador, sei que pode colocar-se a pergunta: quanto de Francisco Sá Carneiro há no PSD? Responde-se sem qualquer hesitação. Herdámos e honramos a forma de estar na vida política através da qual Sá Carneiro fez o seu percurso.

Herdámos e honramos uma política que não cede à demagogia, mas é corajosa na defesa robusta das suas posições.

Herdámos e honramos a luta pelas causas da justiça social e (infelizmente, porque ainda é uma causa) o combate às desigualdades.

Herdámos e honramos a seriedade com que Sá Carneiro fundou e liderou o nosso partido. Acima dos slogans, nós – social-democratas desde Sá Carneiro – levamos Portugal a sério. Acredito que essa é a mais nobre forma de o recordar. E de prestar a devida homenagem a um homem, que o passar dos tempos e a sucessão de personalidades comprovam ter sido verdadeiramente singular.

(*) Secretário-Geral do PSD

CONVOCATÓRIAS DO PSD

Recepção

Terça-feira até 12h00

Para: Fax: 21 3973168

email: convocatorias@psd.pt



CASTANHEIRA DE PERA

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Castanheira de Pera, para reunir no próximo dia 07 de Janeiro de 2017 (sábado), pelas 15h00, na sede, sita no Largo Manuel Dinis Henriques, com a seguinte

Ordem de Trabalhos:

- 1 - Eleição da Mesa da Assembleia de Secção
- 2 - Eleição da Comissão Política de Secção.

Notas

- As listas candidatas devem ser entregues ao Presidente da Comissão Política Distrital, na sede distrital, sita na Rua Dr. José Jardim, 32 - Leiria, ou a quem estatutariamente o possa substituir até às 24h00 do terceiro dia anterior ao acto eleitoral. Encontrando-se a sede aberta para o efeito das 22h00 às 24h00.

- As urnas estão abertas das 15h00 às 18h00

CORUCHE

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Coruche, para reunir, no próximo dia 18 de Dezembro de 2016 (domingo) pelas 15h30, na sede, sita na Travessa dos Guerreiros, nº 26, com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

- 1 - Apresentação e aprovação do orçamento 2017
- 2 - Eleições Autárquicas 2017
- 3 - Análise e discussão da situação política actual, local e nacional

ÉVORA

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Évora, para reunir no próximo dia 15 de Dezembro de 2016 (quinta-feira), pelas 21h00, na sede Distrital, sita na Rua Cândido dos Reis, nº 48, com a seguinte

Ordem de Trabalhos:

- 1 - Informações gerais
- 2 - Discussão do orçamento e plano de actividades de 2017
- 3 - Análise da situação política local
- 4 - Análise da situação política nacional
- 5 - Outros assuntos

FARO

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Faro, para reunir no próximo dia 19 de Dezembro de 2016 (segunda-feira), pelas 21h00, na sede distrital, sita na Rua Projectada à Rua de São Luis, com a seguinte

Ordem de Trabalhos:

- 1 - Análise da situação política
- 2 - Processo eleitoral autárquico
- 3 - Assuntos diversos

FIGUEIRÓ DOS VINHOSI

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Figueiró dos Vinhos, para reunir, no próximo dia 08 de Dezembro de 2016 (quinta-feira) pelas 17h00, na sede, sita na Rua Dr. Manuel

Simões Barreiros, n.º8, com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

- 1 - Discussão e aprovação do Plano de Actividades e Orçamento para 2017
- 2 - Autárquicas 2017
- 2.1 - Parecer relativo à candidatura à Presidência da Câmara Municipal
- 3 - Análise da situação política
- 4 - Outros assuntos

LOUSADA

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Lousada, para reunir, no próximo dia 09 de Dezembro de 2016 (sexta-feira) pelas 21h00, na sede, da Junta de Freguesia de Pias, sita na Rua da Igreja - Pias, com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

- 1 - Dar parecer sobre as candidaturas aos órgãos das Autarquias Locais, nos termos do artigo 53, nº 2, al. f) dos Estatutos do PSD
- 2 - Outros assuntos

MATOSINHOS

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Matosinhos, para reunir, no próximo dia 15 de Dezembro de 2016 (quinta-feira) pelas 21h30, na sede, sita na Rua Mouzinho de Albuquerque, nº 98, na União das Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira, com a seguinte:

Ordem de Trabalhos

- 1 - Apresentação, discussão e votação do perfil do candidato à Câmara Municipal de Matosinhos nas eleições Autárquicas de 2017
- 2 - Apresentação, discussão e votação do acordo de coligação com o CDS/PP e,
- 3 - Análise da situação política - partidária

SÃO JOÃO DA PESQUEIRA

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de São João da Pesqueira, para reunir no próximo dia 14 de Dezembro de 2016 (quarta-feira), pelas 18h00, no Auditório da Biblioteca Municipal de São João da Pesqueira, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

- 1 - Apresentação, discussão e aprovação do plano de actividades e orçamento para 2017
- 2 - Discussão do perfil de candidato a Presidente do Município para as autárquicas 2017
- 3 - Outros assuntos de interesse

VIZELA

Ao abrigo dos Estatutos Nacionais do PSD, convoca-se a Assembleia da Secção de Vizela, para reunir no próximo dia 07 de Janeiro de 2017 (sábado), pelas 16h00, na sede, sita na Rua Fonseca e Castro, nº 130 - B, com a seguinte

Ordem de Trabalhos:

Ponto único - Eleição da Mesa da Assembleia de Secção e da Comissão Política de Secção para o biénio 2017/19.

Notas

- As listas candidatas devem ser entregues ao Presidente da Mesa da Assembleia de Secção, ou a quem estatutariamente o possa substituir até às 24h00 do terceiro dia anterior ao acto eleitoral.

- As urnas estão abertas das 16h00 às 20h00



COIMBRA

Ao abrigo dos estatutos nacionais da JSD, convoca-se o Plenário Concelhio de Coimbra para reunir no dia 17 de Dezembro de 2016, pelas 18horas na Sede Distrital do PSD Coimbra, situado na Rua Lourenço Almeida Azevedo, nº16 3000-250 Coimbra, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1- Análise da actual situação política
- 2- Balanço e Planeamento do mandato da comissão política
- 3- Autárquicas

**REFORMAS LIDERADAS PELO PSD
TROUXERAM + QUALIDADE
PARA A EDUCAÇÃO:**

**ENTRE 2012 E 2015, OS ALUNOS PORTUGUESES
ULTRAPASSARAM, PELA PRIMEIRA VEZ,
A MÉDIA DOS ALUNOS DOS PAÍSES DA OCDE.**

**PORQUE AO CONTRÁRIO DESTA GOVERNO,
O PSD LEVA PORTUGAL A SÉRIO.**

FORNE: RELATÓRIO PISA | 6 DEZEMBRO 2016

LEVAR
PORTUGAL
A SÉRIO